

RELAÇÃO JUVENTUDE RURAL/ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: DISCUSSÕES SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E EXPECTATIVAS DE FUTURO DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO SERTÃO BAIANO

Georgia Oliveira Costa Lins¹; Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante²

¹Bolsista FAPESB, Graduada em Pedagogia – Universidade Estadual de Feira de Santana, email: georgia_fsa@yahoo.com.br

²Orientadora, Professora Adjunta do Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: ludmilaholanda@yahoo.com

PALAVRAS-CHAVE: Escola Família Agrícola, Juventude Rural, Pedagogia da Alternância

INTRODUÇÃO:

Dentro do universo de pesquisas sobre relação juventude-escola, esta pesquisa visou compreender os sentidos que os (as) jovens atribuem ao processo de escolarização e quais as **suas** expectativas de futuro. As pesquisas voltadas para esta discussão têm grande destaque entre pesquisadores, porém dois aspectos são diferenciais nesta análise: o contexto das Escolas Famílias Agrícolas (EFA) da Bahia e os sujeitos da pesquisa, jovens do rural. Diante de diversos aspectos que caracterizam a escola, a questão desta pesquisa é compreender o processo de escolarização frente uma dinâmica diferenciada da educação convencional, uma vez que, as EFAs pautam sua proposta educativa em quatro pilares que sustentam toda a sua prática pedagógica: a associação de pais (mantenedora da escola); a Pedagogia da Alternância (princípio teórico-metodológico); a formação integral do (a) jovem e o desenvolvimento local sustentável (como finalidade educativa) (BEGNAMI, 2009). Dessa maneira, a alternância de tempos (tempo vivenciado na escola e tempo vivenciado na comunidade) e espaços (espaço da escola/espaço comunidade) confere a estas instituições de ensino um perfil diferenciado, no qual o (a) jovem estuda quinze dias na escola, em tempo integral e desenvolve atividades no período de quinze dias junto à comunidade em que vive. Tal dinâmica diferenciada de educação despertou o interesse de entendê-la a partir da visão dos (as) jovens estudantes. Assim, este trabalho visa descrever as ações do último ano da pesquisa “Olhar Sobre a Juventude nas EFAs: formação e perspectivas”, no que consiste a abordagem metodológica utilizada; o contexto e os sujeitos da pesquisa; a escolha e aplicação dos instrumentos de coleta de dados; as análises e discussões sobre os dados coletados. Tal trabalho possui vínculo com o projeto de pesquisa institucional “Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-Árido - REFAISA: práticas pedagógicas e possibilidades de uma educação socioambiental do campo” da Universidade Estadual de Feira de Santana (CONSEP, 2008), o qual viabilizou as discussões teóricas e o desenvolvimento prático desta pesquisa.

METODOLOGIA:

O trabalho apresentado é fruto do estudo desenvolvido no último ano da Bolsa de Iniciação Científica, o qual buscou compreender os sentidos que os (as) jovens do Ensino Médio das EFAs da REFAISA atribuem ao processo de escolarização, no caso específico na Escola Família Agrícola localizado no território do Sertão. O estudo foi desenvolvido a partir da abordagem qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 1986; OLIVEIRA, 2007). Para alcançarmos as respostas da questão da pesquisa, elaboramos os instrumentos de coleta de dados, os quais foram aplicados durante viagem de campo. Os instrumentos utilizados para produção dos dados levantados na pesquisa foram à observação indireta, a entrevista semi-estruturada, o questionário e o grupo focal. Os sujeitos da pesquisa foram 72 jovens, estudantes da EFA do Ensino Médio da REFAISA, localizada no Sertão baiano, encerrando assim a pesquisa que

teve período de dois anos e contou com visitas a três escolas do Ensino Médio e duas do Ensino Fundamental II. Destacamos que foram aplicados 72 questionários nesta EFA do sertão, e dentro deste universo foram também realizadas sete entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As Escolas Famílias Agrícolas, espaço em que o fenômeno observado decorre, tem forte ligação com a perspectiva da Educação do Campo, movimento que demanda Políticas Públicas para Educação do Campo, que pauta-se pela lógica de que não bastam ter escolas no campo, pensadas para o rural; mas sim, escolas do campo, ou seja, escolas com o projeto político pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo, pensadas com estes (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004; CAVALCANTE, 2009). No bojo deste debate encontram-se as EFAs, que de acordo com Queiroz (2004) constituem uma experiência inovadora no Brasil, iniciada na década de sessenta, as quais inauguram a experiência educativa com a Pedagogia da Alternância (PA), esta sob a gestão de agricultores. As EFAs são escolas integradas e unitárias, pois abrangem o Ensino Médio e Educação Profissional, e nascem da organização social e/ou movimentos do campo. Os sujeitos desta pesquisa são jovens estudantes das EFAs, e estão inseridos no contexto de discussão citado. Assim a juventude rural é o foco da análise desta pesquisa. Durston (1998) ao fazer uma análise das propostas de projeto para os (as) jovens do rural traz questões teóricas sobre o aspecto destes. O autor afirma que há poucos estudos que traçam o perfil destes jovens, juventude rural é segundo este autor, uma “categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea” (DURSTON *apud* CARNEIRO 2005, p.244) e que é construída histórica e socialmente. No caso dos (as) estudantes de Ensino Médio das EFAs, através do grupo de discussão, os (as) próprios (as) jovens traçaram o seguinte perfil: *São jovens que buscam o conhecimento para defender uma proposta sustentável de vida no campo, gostam do trabalho agropecuário, e buscam através da educação oferecida pela EFA mudar o modo de vida: lutando por reforma agrária, mostrando a verdadeira identidade do camponês valorizando e respeitando a cultura do homem do campo e dialogando em todos os contextos, sendo jovens religiosos.* Ao se auto-identificarem notamos alguns traços que denotam o perfil formativo desta EFA: a proposta sustentável, a valorização do trabalho agropecuário, a educação como meio de mudança social, a valorização dos sujeitos do campo, a luta por divisão de terra que marca historicamente o campo e a busca do diálogo com outros contextos e uma marca das EFAs, o vínculo com a religiosidade. Com o fim de alcançarmos nossos objetivos três pontos de análise foram estabelecidos: sentidos atribuídos à escola, ao ser jovem e quais as expectativas futuras. Dessa maneira obtivemos, a partir da utilização dos instrumentos de coleta, os seguintes resultados: A sociabilidade pensada como condição do ser humano de interagir com seus semelhantes, assumiu, para os jovens da EFA um lugar importante dentro de toda a dinâmica escolar. A EFA como instituição escolar é vivenciada pelos (as) jovens como um espaço para além das regras estabelecidas. Dayrell (2001) afirma que a escola é um espaço sócio-cultural, cotidianamente há uma “complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, em que alianças e conflitos, imposições de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressões ou de acordos” (p.137) fazem parte das maneiras em que os (as) jovens se apropriam do espaço escolar, construindo novas maneiras de viver este espaço que não estavam previstas pela instituição. As reconfigurações que os (as) jovens criam com espaço escolar fazem com que as primeiras impressões ganhem com o tempo outros significados. Por exemplo, quando questionados (as) sobre a rotina da instituição os (as) estudantes afirmam terem se “acostumado”, apesar de considerarem “cansativas”. Para os (as) estudantes, as atividades são comuns e importantes para ter “a prática” quando forem repassar seus aprendizados para comunidade. Um dos estudantes do

sexo masculino relata que a partir da rotina escolar, mais especificamente as tarefas diárias instituídas como femininas (lavar louça, varrer, etc.), teve para ele importância, principalmente para mudar seu olhar sobre os papéis historicamente instituídos do homem e da mulher, segundo “com o tempo fui tendo a noção das coisas e da relação social de gênero, e da necessidade de ajudar minha mãe, ou quando for casado, minha esposa”. Sobre as atividades desenvolvidas na comunidade o (a) jovem tem a função de articular as pessoas, reunindo-as para “repassar” os conhecimentos adquiridos na EFA. Segundo os (as) jovens a maior dificuldade é reunir as pessoas, ou fazer com que acreditem nos novos conhecimentos, por exemplo, uma nova maneira de cuidar do solo para o próximo plantio sem agredir o meio ambiente. Para uma das estudantes entrevistadas a maior dificuldade é a diferença geracional e de sexo, “eles desconfiam da gente por causa da idade, e quando é um menino fica mais fácil”. Podemos inferir que para sociedades tradicionais “o mais velho ensina o mais novo”, assim quando os papéis são invertidos rompe-se com uma tradição, o que causa uma tensão nas funções geracionais, o que pode ser um motivo de resistência no trabalho dos (as) jovens estudantes frente a sua comunidade. Não obstante, para os (as) estudantes ensinar e aprender com a comunidade é um sentimento gratificante, segundo uma das estudantes “eu me sinto realizada quando eles aprendem comigo, e o agricultor se sente realizado quando vê que eu aprendo com eles”. Sobre a função da EFA a pesquisa revela que para os (as) estudantes entrevistados (as), a escola tem a função de melhorar a vida do homem do campo através de discussões e ações que interessam à comunidade; Ser Jovem - Quando questionamos os entrevistados sobre o que é ser jovem, a questão de idade foi recorrente. Para estes estudantes existe um limite etário que define o perfil “jovem”, esta característica está associada a uma imagem do (a) jovem como aquele (a) em que se encontra na fase de construção da vida, de projetos, e quando mais idade aumenta as responsabilidades e o jovem torna-se adulto; Expectativas de Futuro - Os projetos de vida sobre a juventude rural é um dos temas de interesse dos pesquisadores, principalmente no que tange a questão de migração (WEISHEIMER, 2005). Brumer (2007) confirma a direção dos estudos para questões migratórias e que estas se justificam, em grande parte, por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia. Para os (as) jovens da EFA pesquisada a importância da formação em técnico agrícola vai lhes proporcionar instrumentos para interferir de modo sustentável no rural, na narrativa de um dos entrevistados é utilizado um *slogan* de uma associação da região sisaleira para externalizar sua perspectiva de futuro: “no sertão tem de tudo o que precisa, se faltar a gente inventa”.

CONCLUSÃO

A juventude rural pode ter contextos distintos, os (as) jovens do rural podem ter características diversas sofrendo influências culturais, sociais e de território (Juventude no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Juventude Quilombola, Juventude Indígena, Juventude em espaços Rurbanos etc.). Carneiro (2005) aponta que ao se falar do (a) jovem do rural é comum referir-se a estes (as) como membros da equipe de trabalho familiar, seja como aprendiz de agricultor, seja como trabalhador que complementa a renda familiar, não dando ênfase a toda uma trama sócio-cultural que estes (as) estão envolvidos (as), tal visão reduz a importante consciência da diversidade da juventude que vive no rural. Após dois anos de pesquisa e viagens à EFAs da REFAISA, nota-se que a apesar de haver um “padrão pedagógico” nas escolas famílias, é notória a diversidade ainda presente nas tendências pedagógicas que uma EFA pode assumir, frente ao contexto de formação no rural. O estudo também apontou para um ponto de tensão na relação entre a questão do desenvolvimento da comunidade e o desenvolvimento individual. (COSTA, 2010). Fazendo relação com pesquisa anteriormente pudemos identificar que na EFA localizada na região do Semiárido há forte

presença de organizações sociais, e os (as) jovens entrevistados não parecem trazer dúvidas sobre a atuação nas comunidades visando o desenvolvimento local. No entanto, é importante ressaltar, que em ambas as EFAs têm jovens que apresentam um discurso consciente sobre as dificuldades e desafios em torno de sua formação e das perspectivas de futuro no campo. Para eles (as), a EFA tem um papel importante nas suas trajetórias e de forma análoga há uma responsabilidade dos mesmos frente a este projeto comunitário. Concluímos assim, que o nosso trabalho tem evidenciado o quanto o estudo dos contextos escolares das EFAs é relevante, haja vista a importância que estas instituições têm no processo de formação do jovem do rural baiano, e como os (as) jovens possuem uma nova perspectiva de futuro diante da experiência de estudarem na EFA.

REFERENCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. e LUDKE, Menga. 1986. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU.

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). 2004. *Por uma educação do campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

BEGNAMI, João Batista. 2009. O Plano de formação dos CEFFA's. IN: *Cadernos de Formação Pedagógica Inicial de Monitores*.

CARNEIRO, Maria José. 2005. Juventude Rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania.

CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. 2007. *Escola família agrícola do sertão: entre percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais*. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Tese.

_____ e SANTOS, Célia Regina Batista dos.(2008) *Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-Árido: possibilidades de uma educação socioambiental do campo* (Projeto de Pesquisa – CONSEPE 181/2008). UEFS.

LINS, Georgia Oliveira Costa. 2010. *RELATÓRIO FINAL FAPESB*.

DAYRELL, Juarez.1996 A escola como espaço sócio-cultural. IN: DAYRELL, Juarez (org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. p. 136 - 161. Belo Horizonte: Editora UFMG.

DURSTON, John. 1998 Juvetud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. In: *Serie Políticas Sociales: comisión económica para América Latina y el Caribe*. Santiago de Chile: Naciones Unidas. Disponível em: <http://www.cinterfor.org.uy/public/> Acessado em: 15 de janeiro de 2010.

QUEIROZ, João Batista. 2004. *Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: Ensino Médio e Educação Profissional*. Universidade de Brasília, UnB, Brasil, Tese.

WEISHEIMER, Nilson. 2005. *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.